

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1810)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Víctor Leonardo Bento Moreira

**A PREPARAÇÃO E AS CONQUISTAS DA INFANTARIA NA FORÇA
EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**

**Resende
2022**



APÊNDICE II AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A
GOVERNANÇA DA PESQUISA ACADÊMICA NA AMAN

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE
NATUREZA PROFISSIONAL

AMAN
2022

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA
PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO:

A Preparação e as Conquistas da Infantaria na Força Expedicionária Brasileira

AUTOR:

Víctor Leonardo Bento Moreira

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo a Academia Militar das Agulhas Negras a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Resende, 26 de julho de 2022

Assinatura do Cadete

Dados internacionais de catalogação na fonte

M838p MOREIRA, Vítor Leonardo Bento

A preparação e as conquistas da infantaria na Força Expedicionária Brasileira. / Vítor Leonardo Bento Moreira – Resende; 2022. 37 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Luan Silva Furlan

TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2022.

1.FEB 2.1ª Divisão de Infantaria 3.Exército 4.Segunda Guerra Mundial I. Título.

CDD: 355

Ficha catalográfica elaborada por Jurandi de Souza CRB-5/00187

Víctor Leonardo Bento Moreira

**A PREPARAÇÃO E AS CONQUISTAS DA INFANTARIA NA FORÇA
EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: 1º Ten Luan Silva **Furlan**

**Resende
2022**

Víctor Leonardo Bento Moreira

**A PREPARAÇÃO E AS CONQUISTAS DA INFANTARIA NA FORÇA
EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 01 de julho de 2022.

Banca examinadora:



Luan Silva Furlan– 1º Ten
(Orientador)



Frederico Pimentel Soares de Almeida- Cap
(Avaliador)



Thaian Marcus Pereira dos Santos- 1º Ten
(Avaliador)

Resende
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que sempre me deu suporte e forças para superar as adversidades diárias.

Aos meus pais, Claudomiro e Silvia, que sempre estiveram ao meu lado apoiando em todas as decisões, sendo exemplos em minha vida e que me ajudaram a chegar até aqui.

À minha noiva, Liandra, que sempre me incentivou, motivou e esteve ao meu lado tanto nos momentos bons quanto nos momentos difíceis.

Por fim, ao 1º Tenente Luan Silva Furlan, pela atenção e consideração ao me orientar para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

A PREPARAÇÃO E AS CONQUISTAS DA INFANTARIA NA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

AUTOR Víctor Leonardo Bento Moreira
ORIENTADOR: Luan Silva Furlan

O presente trabalho busca esclarecer os motivos que influenciaram a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, com foco na 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Além disso, mostrar como foi a mobilização e a preparação da Força Expedicionária Brasileira e ainda evidenciar as principais conquistas em operações em combate. Dessa forma, foram realizadas pesquisas em diversos artigos, trabalhos e livros de autores professores, militares da reserva e até mesmo indivíduos presentes no combate. Assim, buscou-se compreender o contexto no qual o Brasil estava inserido e as condições em que se encontravam as Forças Armadas Brasileiras. Durante o início do conflito, o Brasil se manteve neutro em relação aos EUA e a Alemanha, tendo em vista a parceria comercial com ambos, no entanto, foi levado em consideração os interesses nacionais acarretando, portanto, o posicionamento ao lado dos Aliados (EUA, Reino Unido, França e União Soviética). Logo, com a ameaça à soberania nacional latente, a Força Expedicionária Brasileira foi criada. Por fim, será possível identificar as principais situações adversas encontradas para formar e capacitar as tropas brasileiras a combaterem o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e também destacar os principais feitos no teatro de operações europeu.

Palavras-chave: 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Força Expedicionária Brasileira. Infantaria. Exército. Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

THE PREPARATION AND ACHIEVEMENTS OF INFANTRY IN THE BRAZILIAN EXPEDITIONARY FORCE

AUTHOR: Víctor Leonardo Bento Moreira

ADVISOR: Luan Silva Furlan

The present work seeks to clarify the reasons that influenced Brazil's entry into Second World War, focusing on the 1st Expeditionary Infantry Division. In addition, show how the mobilization and preparation of the Brazilian Expeditionary Force was and also highlights the main achievements in combat operations. In this way, research was carried out on several articles, works, and books by teachers, reserve soldiers, and even individuals present in combat. Thus, we sought to understand the context in which Brazil was inserted and the conditions in which the Brazilian Armed Forces were. During the beginning of the conflict, Brazil remained neutral about the USA and Germany, because of the commercial partnership with both, however, national interests were taken into account, thus leading to the position on the side of the Allies (USA, United Kingdom, France, and the Soviet Union). Soon, with the threat to national sovereignty latent, the Brazilian Expeditionary Force was created. Finally, it will be possible to identify the main adverse situations encountered to train and enable Brazilian troops to fight the Axis (Germany, Italy, and Japan) and also highlight the main achievements in the European theater of operations.

Keywords: 1st Expeditionary Infantry Division. Brazilian Expeditionary Force. Infantry. Army. Second World War.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jornal O Globo.....	18
Figura 2 – Militares da Força Expedicionária Brasileira.....	21
Figura 3 – Estratégia de ataque a Motese.....	30
Figura 4 – Conquista de Montese.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FEB	Força Expedicionária Brasileira
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
DIE	Divisão de Infantaria Divisionária
RI	Regimento de Infantaria
Cia	Companhia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	objetivos.....	11
1.1.1	Objetivos Gerais	11
1.1.2	Objetivos Específicos	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	12
2.1	Revisão da literatura e antecedentes do problema	12
2.2	Referencial metodológico e procedimentos	13
3	CONTEXTO HISTÓRICO.....	17
3.1	Neutralidade e Interesses	15
4	PERÍODO DE PREPARAÇÃO	20
4.1	A formação da FEB	20
4.2	Organização da Divisão de Infantaria Expedicionária.....	21
4.3	Convocação	22
4.4	Exame médico.....	24
4.5	Uniformes	24
4.6	Adestramento.....	25
5	PRINCIPAIS CONQUISTAS EM OPERAÇÕES	28
5.1	O Brasil no Teatro de Operações do Mediterrâneo.....	28
5.2	A batalha de Monte Castelo.....	29
5.3	A conquista de Montese.....	31
6	CONCLUSÃO.....	34
	REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Para entender melhor a honrosa participação dos militares de Infantaria, integrantes da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na campanha da Itália, primeiramente temos que entender os principais motivos e como foi a inserção do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Juntamente com a novidade de combater em outro continente, vieram as complicações para mobilizar e preparar uma tropa para guerra.

A finalidade desse trabalho é abordar os assuntos mais relevantes para que se torne possível compreender toda a participação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (FEB) durante toda a sua participação na guerra. Dessa maneira é possível que o leitor se situe na realidade vivida pelos brasileiros da época, facilitando a inserção no assunto abordado e possibilitando assimilar melhor o conteúdo apresentado.

Esse trabalho tem o intuito de estudar de forma detalhada as diversas situações e dificuldades enfrentadas pela FEB, presentes desde as bases doutrinárias do Exército Brasileiro até as condições apresentadas pela seleção de pessoal, que era a ponta da lança das tropas brasileiras. Além disso, é de suma importância ressaltar que a adversidade encontrada pelos combatentes, apelidados de “pracinhas” pela população brasileira, não foi o suficiente para impedir as conquistas em território europeu.

Para se chegar às conquistas, foram necessários inúmeros esforços, muitas vezes, pouco conhecidos. O Exército Brasileiro, no início da década de 1940, estava defasado em relação as demais nações que estavam entrando em combate na Segunda Guerra Mundial, pois apresentava inúmeros problemas, como os armamentos ultrapassados e o sistema desatualizado e desorganizado para a seleção de pessoal, fatores que dificultaram a preparação e a mobilização da FEB até o triunfo nas operações durante o conflito a nível mundial, colocando em evidência diversos acontecimentos, que muitas vezes, parte da população brasileira desconhece.

Será abordada a atuação da 1ª DIE, que aconteceu em outro continente, mais precisamente o Europeu. O fato de combater em outro continente era algo inusitado, pois além de atuar em terras totalmente desconhecidas, havia a necessidade de se adaptar ao clima totalmente diferente ao encontrado em território brasileiro, principalmente no inverno.

A pesquisa tem como base as fontes escritas por militares que tiveram participação direta no conflito, como o próprio comandante da FEB, o Marechal Mascarenhas de Moraes, e oficiais da reserva que relataram suas experiências vividas em combate.

Também foram utilizados livros e artigos de historiadores que contribuíram para ampliar o conhecimento sobre tal assunto, fundamentando e embasando toda a pesquisa.

Assim, inicialmente, tem-se o objetivo de inserir o leitor no contexto ao qual o Brasil estava inserido, identificando quais eram os principais motivos e interesses que resultaram na formação de uma Força Expedicionária e na entrada em um conflito marcante na história mundial. Depois, é mostrado e explicado os principais empecilhos enfrentados pelo governo e pelo Exército Brasileiro para preparar de forma eficiente uma tropa de infantaria que estivesse apta a combater em solo europeu, auxiliando os Aliados em importantes operações que resultaram na derrota das tropas do Eixo, principalmente em território Italiano. Essa experiência em combate permitiu ao Exército Brasileiro obter um vasto conhecimento sobre diversos aspectos relacionados ao combate convencional e também proporcionou um reconhecimento a nível mundial, devido aos feitos realizados no teatro de operações europeu.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivos Gerais

Mostrar a preparação, apontar as conquistas dos militares de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira desde a criação da FEB até o combate propriamente dito em solo europeu.

1.1.2 Objetivos Específicos

Apontar e Explicar as principais dificuldades enfrentadas na mobilização e adestramento de uma força expedicionária, visto que as tropas brasileiras eram consideradas defasadas e possuíam uma doutrina militar diferente das tropas estadunidenses.

Além disso, evidenciar e explicar as principais conquistas da Infantaria Divisionária em sua campanha na Itália, expor e explicar as conquistas da Infantaria da Força Expedicionária Brasileira em combate em meio a adversidade e limitações de recursos referentes à tropa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Tendo em vista a intenção de encontrar conteúdos relevantes relacionados à Infantaria na Força Expedicionária Brasileira, foram pesquisados alguns autores, destacando-se o Marechal Mascarenhas de Moraes, em que em suas obras há relatos sob o ponto de vista do comandante da FEB. Esses relatos foram importantes para compreender que mesmo as tropas brasileiras passando por dificuldades, conseguiram êxito em combate.

2.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema

Vargas, em seu Estado Novo, tomou decisões que se alinhavam ideologicamente aos regimes fascistas e nazistas.

O Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas em 1937, havia fechado o Congresso, imposto a censura à imprensa, prendido líderes políticos e sindicais e colocado interventores nos governos estaduais [...] Com um estilo 'populista', Getúlio Vargas montou um poderoso esquema para valorizar seu governo, criando o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), claramente inspirado no aparelho nazista de propaganda, idealizado por Joseph Goebbels, na Alemanha [...] Por outro lado, Vargas criou o salário mínimo e instituiu a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), dentre outros benefícios de cunho social. (FARIA, 2015, p. 232).

Por questões de interesses nacionais e por alinhamento à Doutrina Monroe, o Brasil decidiu aproximar-se dos EUA. Dessa forma, o Brasil se afastou e rompeu relações com os países do Eixo. Como forma de resposta contra o governo brasileiro, os submarinos alemães começaram a atacar navios mercantes brasileiros, gerando várias vítimas.

Exatamente nesta época, a desfaçatez dos submersíveis eixistas, em repetidos e traiçoeiros ataques à nossa Marinha Mercante, atingiu um clímax intolerável ao brio nacional, com o torpedeamento, no breve espaço de dois dias, de cinco vapores, à vista de nossas praias e em requintes de inacreditável indignação. Tais atentados à nossa soberania avolumaram a onda de indignação popular e conduziram o nosso Governo a declarar guerra à Alemanha e à Itália, em 22 de agosto de 1942. (MORAES, 1947, p. 24-25).

A partir desses acontecimentos contra a soberania nacional, o Brasil declara guerra contra o Eixo. Para sair do papel e colocar a declaração de guerra em prática, foi necessário criar e mobilizar uma Força Expedicionária para que fosse possível combates em solo europeu. Porém, essa não foi uma tarefa fácil, pois o número de soldados a serem mobilizados

era de 25.000 e a doutrina militar vigente no Brasil era a francesa, tendo que se adaptar à doutrina americana para que conseguisse combater como parte do Exército Americano. Assim, foram surgindo diversos entraves que tiveram que ser superados desde a criação até os combates em solo europeu.

Numerosos e difíceis foram os obstáculos à tarefa de se organizar uma força expedicionária de acordo com os moldes norte-americanos. Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada "escola francesa". De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem e no quadro da doutrina gaulesa, surgia a tarefa de constituir uma divisão de Infantaria, com a organização norte americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios norte-americanos. (MORAES, 2005, p. 28).

Tendo como base as literaturas utilizadas nas pesquisas, é possível fazer o levantamento de algumas questões, como por exemplo, como foi realizado o processo de seleção de pessoal de milhares de soldados pelo Exército Brasileiro? Ou quais foram as medidas tomadas para que a FEB conseguisse adestrar seus homens de acordo com a doutrina americana, mesmo com a falta de suprimentos e armamentos essenciais para o combate?

Vale ressaltar a importância da parceria com os Estados Unidos, que facilitavam o fornecimento de material de guerra aos brasileiros, tornando-se possível o aumento gradativo do poder bélico brasileiro, para que as tropas brasileiras fossem adestradas de acordo com a doutrina americana.

[...] Os EUA forneciam o material bélico e os artigos de subsistência pelo 'Land Lease', com a previsão de 50% do material de uma DI entregue no Brasil para treinamentos das Divisões brasileiras. Caberia, igualmente, oferecer estágios de instrução militar para oficiais brasileiros nos EUA e enviar militares norte-americanos como instrutores para o Brasil. [...]. (AMAN, 2010, p. 251, apud GUEDES, 2015, p.14).

Assim, mesmo com muitas dificuldades, a Força Expedicionária Brasileira conseguiu mobilizar e adestrar seus soldados, e posteriormente combater as tropas do Eixo, fazendo história no cenário mundial.

2.2 Referencial metodológico e procedimentos

Visando utilizar de maneira eficiente as informações obtidas a partir das literaturas que nortearam as pesquisas, foram superadas questões relacionadas às principais dificuldades e obstáculos enfrentados pelo governo brasileiro e pelo então comandante da

FEB, o General Mascarenhas de Moraes para impulsionar a formação de uma força expedicionária, adestrar a Divisão de Infantaria e guiar a tropa até o triunfo em combate.

O principal questionamento foi em face do surgimento da Força Expedicionária Brasileira em decorrência da ameaça à soberania nacional tendo em vista o posicionamento a favor dos Estados Unidos no cenário da Segunda Guerra Mundial. A real intenção do Brasil devia-se apenas a vontade de desenvolver as indústrias nacionais com o financiamento internacional? Ou havia um interesse em vingar as vítimas dos ataques alemães aos navios brasileiros? Além disso, procurar entender se as tropas nacionais estavam devidamente preparadas e equipadas para o combate efetivo no teatro de operações europeu.

Para embasar o trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa de levantamento de informações sobre o tema abordado. A pesquisa qualitativa tem a finalidade de esclarecer os assuntos centrais do tema. Essa abordagem informa “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes de grupos ou indivíduos e tem como principal objetivo conhecer as percepções dos sujeitos pesquisados acerca de uma situação-problema” (ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS, 2019, p. 57).

Quanto ao procedimento, foi feito uma pesquisa bibliográfica, para que seja aumentado o conhecimento sobre o tema a ser abordado. A pesquisa bibliográfica busca amparo em obras anteriormente escritas, almejando explicar fatos baseados em artigos, livros, revistas e etc. (ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS, 2019).

Nesse trabalho, também foi feito uma pesquisa explicativa sobre as principais dificuldades enfrentadas pelos militares de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira e também sobre as suas principais conquistas no teatro de operações europeu. A pesquisa explicativa tem a intenção de destacar os fatos que contribuíram para que determinado fenômeno acontecesse, ou seja, explica os motivos ou os porquês das coisas.

3 CONTEXTO HISTÓRICO

3.1 Neutralidade e interesses

Para compreender a preparação e as conquistas da Infantaria na Força Expedicionária Brasileira, é necessário saber a situação geopolítica em que o Brasil se encontrava desde o desencadeamento da Segunda Guerra Mundial, na segunda metade de 1939.

Neste cenário, o Brasil mantinha um posicionamento neutro em relação aos dois lados do conflito. De um lado, Vargas mantinha relações comerciais com os EUA, relação esta que existia há décadas, mesmo o Brasil sendo considerado apenas um fornecedor de matéria prima pelo mercado americano. Por outro lado, existia certa aproximação ideológica do regime brasileiro, o Estado Novo de Vargas, com o nazi fascismo, além de a Alemanha ser outro parceiro comercial de destaque, pois demonstrava interesse em ajudar o Brasil em seu projeto de desenvolvimento industrial.

Dessa forma, a escolha entre os dois lados não era uma tarefa fácil, pois a parte que não fosse escolhida poderia encarar como um antagonismo, resultando em represálias econômicas e militares. Para dificultar ainda mais essa situação, haviam personagens de grande destaque no cenário nacional com pensamento voltado para ambos os lados. Os generais Eurico Gaspar Dutra e Pedro Aurélio de Gôes Monteiro tinham simpatia com a aproximação dos alemães, devido a “Ação Integralista”, um movimento fascista liderado por Plínio Salgado, que teve início em 1932 e estava sendo reconhecido ainda mais no cenário nacional. Em contra partida, o Ministro Osvaldo Aranha, destacava-se por defender o liberalismo econômico nos moldes americanos, pendendo a ter laços fortes com os americanos.

O governo brasileiro tinha como principal objetivo nessa disputa de aproximação entre Alemanha e os EUA o auxílio para o projeto de desenvolvimento nacional, através de apoio financeiro e técnico na construção da siderurgia nacional e na modernização do arsenal das forças armadas. Em relação a isso, as propostas se divergiam, pois os alemães aceitaram a ajudar a apoiar todos os projetos, contudo tinham seu poder econômico sufocado devido aos esforços em prol da guerra, tendo a promessa de cumprir apenas no pós-guerra. Já os americanos tinham a proposta de financiar os projetos brasileiros através do setor privado, porém, o setor privado americano não via vantagens em investir nesses projetos, porque via o Brasil apenas como um bom fornecedor de material bruto.

Com os interesses brasileiros não atendidos, o Brasil se manteve neutro, preferindo

não se comprometer, fazendo com que os americanos ficassem receosos com uma possível aproximação do Brasil com os alemães, passando a ter como alternativa a invasão do Norte e do Nordeste brasileiro, de acordo com a revista da marinha americana *Proceedings* em 1999.

Visto por outro lado, a aproximação do governo brasileiro com os americanos causava certa desconfiança na região Sul do país, que pairava desde uma possível invasão Argentina e Uruguia apoiada pelas colônias italianas e alemãs, a até uma possível questão de espionagem nazista infiltrada no governo brasileiro. Após o decisivo discurso de 11 de junho de 1940 realizado no cruzador Minas Gerais, local onde Vargas discorria para oficiais das Forças Armadas sobre o futuro da nação, rebaixando a ideia de “liberalismo estéril”. Sabendo dessa situação desfavorável aos seus interesses, os EUA optaram por retornar à mesa de negociação:

Autoridades Norte-americanas entenderam que o preço a pagar pelo apoio definitivo do Brasil não era alto assim: alguns milhões de dólares em financiamento para construção de uma usina siderúrgica e envio de armas direcionadas para a defesa de um ponto estratégico que lhes interessava diretamente. Para uma nação que já enviava centenas de milhões de dólares em material bélico e produtos de consumo para seus aliados na Europa, o acordo valia a pena, pelas vantagens estratégicas que lhe adviriam. (FERRAZ, 2005 p.19).

Como consequência da retomada de negociação, a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) no município de Volta Redonda no Rio de Janeiro foi realizada em 1940, evidenciando a inclinação do Brasil em relação aos Aliados, contudo o Governo Vargas manteve a neutralidade no campo diplomático.

No ano de 1941 ocorreram diversos eventos notórios que evidenciam o motivo de haver uma preocupação grande dos dois lados em querer o apoio especial do Brasil.

Um fator fundamental por ocasião da guerra é a manutenção de linhas de abastecimento às tropas, para que consiga prover comida, munição, atendimento médico. Em janeiro de 1941, os Aliados perderam o controle do Norte da África, o que abalou a estratégia de abastecimento das tropas que combatiam o Eixo no leste Europeu (Balcãs e Grécia), e expôs as rotas comerciais e de abastecimento vindas da América do Sul a possíveis ataques do Eixo.

Assim, a guerra chegava às Américas. Os cenários imaginados pelos estrategistas norte-americanos eram preocupantes. Um deles previa uma invasão alemã no litoral do Nordeste brasileiro (...) Posicionados no Norte e Nordeste brasileiros, bem como nas Guianas Francesa e holandesa, os invasores poderiam atacar facilmente o Canal do Panamá, ameaçando a circulação de bens e materiais estratégicos latino-americanos para os Estados Unidos e destes para seus aliados em todo o Mundo. (FERRAZ, 2005 p.13-14).

A citação evidencia o posicionamento que o Brasil possuía caso a guerra chegasse ao continente americano. Visto isso, vale ressaltar que era de fundamental importância garantir o abastecimento da indústria e da produção dos itens necessários para o contingente que se encontra em combate, como por exemplo a borracha. Em 1941, os japoneses se tornaram grandes fornecedores de borracha no cenário mundial, visto que passaram a tomar conta dos principais centros produtores deste recurso tão importante para o combate. Esse fato fez com que os Aliados optassem pela borracha brasileira, levando cerca de 20 mil homens para trabalhar na região amazônica.

O Brasil que perderá os mercados mundiais de borracha desde o início do século, exatamente para as colônias europeias do Sudeste Asiático, tinha estagnado sua produção desde então. Para intensificá-la e organizar o envio do látex para as indústrias de borracha em seu país, o governo norte-americano criou a Rubber Reserve Company. (FERRAZ, 2005 p.24).

Isso demonstra a preocupação em manter o Brasil como um aliado e o motivo de protegê-lo de supostos ataques e invasões, que se tornou mais nítido após o bombardeio a Pearl Harbor em dezembro de 1941. Esse marcante episódio pode demonstrar a dimensão da disposição do poder de ataque do Eixo e de enfrentar diretamente o poderio militar dos EUA no pacífico.

Entre os dias 15 e 28 de janeiro de 1942, no Rio de Janeiro, os países da América do Sul, com as exceções notáveis do Chile e da Argentina, romperam relações diplomáticas com o Eixo, passando assim, a unirem esforços para apoiarem as tropas Aliadas.

Vendo que as linhas de abastecimento aumentaram ainda mais por parte dos Aliados, o Eixo não poderia permitir o grande fluxo de provisões suprisse seus inimigos, de forma a aumentar o poder de duração em combate e o fornecimento de fatores materiais determinantes ao combate. Assim, foi determinado que a marinha alemã utilizasse seus submarinos para realizar ataques contra embarcações brasileiras na costa Nordeste do Brasil, ocorrendo os primeiros ataques entre os dias 15 e 17 de agosto de 1942, totalizando mais de 600 baixas. É possível que essa situação tenha colocado em destaque, pela primeira vez, a questão da guerra propriamente dita mais próximo do pensamento da sociedade brasileira, de acordo com o Marechal Brayner: “A opinião pública reagiu revoltada, com protestos, comícios, passeatas e ataques a clubes, associações e empresas de propriedade de cidadãos dos países do Eixo, nas principais cidades do país.” (FERRAZ, 2005 p.41).

Figura 1 – Jornal O Globo



Fonte: Livro FEB 75 anos

Entre os dias 22 e 31 de agosto de 1941, o governo brasileiro declarou beligerância e posteriormente uma de guerra. Então, passou-se a discutir o envio de tropas brasileiras com o intuito de vingar a afronta à soberania nacional. É importante evidenciar que não havia ao certo uma estratégia definida de como essa decisão seria colocada em prática, visto que a realidade das Forças Armadas brasileiras não eram das melhores, pois havia defasagem em geral em relação as tropas que estavam em combate, como explica um dos chefes do Estado Maior da FEB: “Os que assim agiam não meditavam sobre a realidade de uma mobilização naquelas circunstâncias, sem, ao menos, uma preparação psicológica, apesar do pesado tributo já pago com os torpedamentos de barcos brasileiros”. (BRAYNER, 1968 p.17).

Em 1943, em Natal, Vargas realizou os acordos finais com o então presidente americano, Franklin Delano Roosevelt, para decidir sobre qual seria a função do Brasil na guerra. O governo brasileiro se comprometeria em enviar uma força expedicionária de 60 mil militares em três divisões, sob o comando do V exército americano no teatro de operações Europeu. Segundo o Marechal Brayner, as tropas brasileiras que seriam enviadas para o front de batalha deveriam atuar como tropas americanas “[...] as linhas estruturais da Força Expedicionária, com os detalhes de organização referentes à 1º Divisão Expedicionária, rigorosamente nos moldes americanos, o que importava em dizer que seria inteiramente diferente da Divisão normal brasileira.” (BRAYNER, 1968 p.25).

É importante salientar que a doutrina militar brasileira era totalmente diferente da americana, visto que a doutrina adotada pelo Brasil era a francesa, que consistia na ideia de: “Guarnecer defensivamente grandes extensões territoriais, aguardando que o inimigo tomasse a iniciativa e então responder com um contra-ataque em massa.” (MAXIMIANO, 2010 p.41).

Tal estratégia defensiva foi um fracasso diante dos ataques relâmpagos realizados pelos alemães, chamados de “blitzkrieg”, que consistia em avançar rapidamente utilizando blindados combinados com ataques surpresas e apoio aéreo. Essa estratégia foi utilizada para contornar a Linha Maginot, galgando êxito e proporcionando a derrota das tropas francesas.

Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada “escola francesa”. De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem e no quadro da doutrina gaulês, surgia a tarefa de constituir uma divisão de Infantaria, com a organização norte-americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios norte-americanos. Somente quem nunca se viu a braços com problemas análogos pode ignorar as dificuldades, as incompreensões e choques daí decorrentes. (MORAES, 2005 p.28).

4. PERÍODO DE PREPARAÇÃO

4.1 A formação da FEB

Devido aos diversos episódios ocorridos, como a aproximação do governo brasileiro com os EUA, o distanciamento diplomático em relação ao Eixo e principalmente o ataque de submarinos alemães a navios brasileiros, instigaram as autoridades do Exército Brasileiro a ter uma participação mais notória na Segunda Guerra Mundial. Para isso, era necessário formar, adestrar e instruir uma Força Expedicionária para combater no teatro de operações Europeu. Dessa forma, o General Dutra, Ministro da Guerra, ordenou que essa nobre missão ficasse a cargo do General Mascarenhas de Moraes.

E, parece-nos, a primeira referência oficial à intenção de enviar ao Velho Mundo uma força expedicionária foi feita pelo General Eurico Gostar Dutra, então Ministro da Guerra do Brasil, por ocasião da visita que fez aos Estados Unidos... Tratava-se, sem dúvida, da criação de um instrumento militar nacional destinado a desgravar a ofensa e a cooperar com as Nações Unidas na missão de destruir o inimigo comum. Daí a Força Expedicionária Brasileira. (MORAES, 2005, p.25).

Segundo Barone (2013, p. 103) "a tarefa de organizar a FEB seria um enorme desafio, e o tempo disponível era curto". Isso se deve ao fato de as Forças Armadas Brasileiras necessitarem de diversas modificações em sua doutrina e principalmente realizar a modernização bélica em um curto período de tempo. Deve-se salientar que muitos problemas e entraves deveriam ser superados para que o projeto de criação e inserção da FEB no campo de batalha desse certo, de acordo com as seguintes palavras do Marechal Mascarenhas de Moraes:

O fato de o Exército Brasileiro ser instruído por uma linha de doutrina militar da escola Francesa e que não estava de acordo com os moldes norte-americanos de doutrina, a seleção física do pessoal, pois o brasileiro apesar de resistente não era um homem robusto, a necessidade de seleção com o objetivo de escolher homens aptos para o combate em clima e ambiente totalmente adverso, a disseminação, pelas quatro regiões militares, das unidades componentes da 1ª DIE, a absoluta insuficiência do material de guerra norteamericano e a inexistência de um uniforme adequado para combater em solo europeu e por fim, a questão do Exército Brasileiro antes da Segunda Guerra Mundial ter adquirido a totalidade de seu aparelhamento bélico na Europa, o que significa que pouquíssimos militares sabiam fazer o uso do material que iria utilizar, provindos do Exército americano. (MORAES,2005, p.28-29).

A difícil tarefa tinha como um dos principais fatores negativos para o cumprimento dessa missão o curto espaço de tempo em que ela deveria ser realizada. Porém, como forma de agilizar o processo, os EUA disponibilizaram um grupo de oficiais com prática de material

e com o conhecimento de organização americana para auxiliar a formação do que viria a se consolidar como a FEB. Moraes. (MORAES, 2005, p.29).

A ideia de mobilizar as Forças Armadas somente se tomou realidade quando as ameaças do conflito começaram a se aproximar do Brasil (o Brasil não foi à guerra ela veio ao Brasil). Tornou-se imperativo apelar para o parque industrial dos Estados Unidos, único país, naquele momento, capaz de atender às necessidades vigentes. Assim, por meio da Lei de Empréstimos e Arrendamentos, “Lend Lease”, conseguiu-se adquirir grande parte dos armamentos, materiais de guerra, equipamentos e munições necessárias. (ÂNCORAS E FUZIS, 2017, p.53).

Figura 2 - Militares da Força Expedicionária Brasileira



Fonte: Livro FEB 75 anos

4.2 Organização da Divisão de Infantaria Expedicionária

A organização e a estrutura da primeira Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) foi definida no dia 9 de agosto de 1943 por meio de uma portaria ministerial sob nº 47-44.

Segundo J. B. Mascarenhas Moraes, essa portaria estabeleceu as normas gerais de estruturação e organização.

De acordo com FARIA (2015, pg. 241) “A 1ª DIE foi organizada conforme modelo norteamericano, em tropa especial (Tr Esp), infantaria divisionária (ID), artilharia divisionária (AD), batalhão de engenharia (BE) e batalhão de saúde (BS).”

O general Euclides Zenóbio da Costa foi declarado o comandante da Infantaria Divisionária (ID) cujo efetivo possuía 9.796 militares. Além disso, era composta por três

regimentos de infantaria (RI) com cerca de 3.250 homens cada um: 1º RI do Rio de Janeiro, o Regimento Sampaio, 6º RI de Caçapava, o Regimento Ipiranga e 11º RI de São João Del Rei, o Regimento Tiradentes.

Cada RI era composto por uma companhia de comando, uma companhia de saúde, uma companhia de serviço, uma companhia de obuses, uma companhia de canhão anticarro e três Batalhões de Infantaria, composto por 871 combatentes cada um, que possuía uma companhia de comando, uma companhia de petrechos pesados e três companhias de fuzileiros, havia 193 militares em cada uma dessas companhias.

Em relação à organização do transporte da tropa até o continente Europeu para facilitar, de acordo com fragmento da obra “A FEB pelo seu comandante” (MORAES, 2005, p. 39), a Força Expedicionária Brasileira foi dividida em quatro escalões de embarque distintos, que foram transportados através de navios para a Europa, sendo o navio americano de transporte USS General W.A. Mann o primeiro a partir para essa empreitada, levando o 1º Escalão da Divisão de Infantaria Expedicionária. (BARONE, 2013, p.139).

Sob o comando do General Zenóbio da Costa, o 1º escalão contava com o efetivo de cinco mil e setenta e cinco homens, sendo trezentos e quatro oficiais e era composto, dentre outras tropas, pelo 6º Regimento de Infantaria.

No 2º escalão, comandado pelo General Oswaldo Cordeiro de Faria, também havia o efetivo de cinco mil e setenta e cinco homens, no entanto, trezentos e sessenta e oito deles eram oficiais. Assim, dentre outras tropas, fazia parte desse escalão o 1º Regimento de Infantaria.

O 3º escalão, comandado pelo General Olympio Falconière da Cunha, foi o com maior efetivo de homens, mais precisamente cinco mil duzentos e trinta e nove sendo oficiais trezentos e dezoito. Esse escalão além de outras tropas que o integravam, estava o 2º Regimento de Infantaria.

Por fim, o 4º escalão de embarque, foi o responsável por transportar o 1º escalão de Depósito de Pessoal da FEB.

4.3 Convocação

Primeiramente, a intenção inicial do ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra era que cerca de 100 mil soldados fossem enviados ao *front* de batalha. (Folha da Manhã, 1943) Contudo, o contingente de soldados convocados foi cerca de 60 mil homens, um numero considerável em relação ao efetivo de 90 mil militares que o Brasil possui. Em relação a um

conflito de proporção mundial, esse efetivo pode ser considerado baixo, porém, a população da época era de 42 milhões de pessoas (IBGE, 1946). Essa situação pode ser considerada um tanto quanto instável, pois esse efetivo mal poderia proteger o território nacional de possíveis ameaças, além de ser ousado, tendo que utilizar uma grande quantidade de militares veteranos, que possivelmente estavam há muitos anos longe do serviço e com possíveis desgastes devido a idade.

O Ministério da Guerra, então, decidiu realizar a convocação de indivíduos de todo o território nacional. A medida que a convocação foi se desenrolando em 1943, os problemas começaram a aparecer, de acordo com o relato do 1º Tenente da Reserva José Álfio Piason:

[...] em Caçapava, São Paulo, onde pudemos assistir à chegada de centenas de convocados, o quadro foi o mais desolador possível; quartéis insuficientes para o grande volume dos recém-chegados, obrigando à instalação de muitos em ambientes inapropriados, anti-higiênicos mesmo... ainda assim tendo muitos que dormir em bancos de jardim, por não encontrarem um único lugar nas poucas pensões existentes, alimentação insuficiente para tantos quer no quartel, quer nos bares, restaurantes e pensões; uma espera revoltante, o primeiro descontentamento, o começo da perda de boa vontade para os que a tinham e o gérmen da má vontade para os demais (PIASON, 1949 p.75).

O processo de seleção de um modo geral era defasado e desorganizado. Isso se deve ao fato de que os indivíduos que se apresentavam nas organizações militares passavam por diversas situações desagradáveis, como por exemplo, humilhações e maus-tratos. (BARONE, 2013 p.109).

A convocação, por muitas vezes deixou a desejar, devido a algumas medidas com características *pro formes*, ou seja, apenas para manter a aparência de que o processo de seleção estava sendo levado a sério. Esse fato pode ser evidenciado, segundo o oficial da reserva Demócrito Cavalcante de Arruda, em sua afirmação em relação ao tratamento indiferente dado aos indivíduos que eram casados e os indivíduos solteiros:

Quanto ao estado civil: de solteiros e casados, quase indiferentemente, os últimos sempre com família numerosa, conhecido o hábito da gente do interior de casar cedo e a sua fecundidade. A convocação indiscriminada de tantos pais de família criava situações absurdas que uma portaria ministerial, mais tarde, procurou em vão atenuar, mandando desconvocá-los. Acontece, porém, que a maioria sendo casada apenas no religioso, não havia legalizado os papéis; formalmente, não eram casados, escapando, pois, aos benefícios da medida. Muitos, os que foram para a Itália, nessas condições de pais de família, ignorados oficialmente. (ARRUDA, 1949 p.38).

O processo de seleção enfrentava situações adversas, porém é válido ressaltar que muitas dessas dificuldades já eram esperadas. O que muitos não sabem e que gerava

transtorno no processo de seleção era a oposição ao envio de tropas brasileiras para combates em solo europeu, que segundo o Marechal Floriano de Lima Brayner, em sua obra “A verdade sobre a FEB”, isso se evidenciava principalmente entre o então General Mascarenhas de Moraes e o chefe do Estado-Maior do Exército o General Góes Monteiro.

(...) Não passava despercebida a circunstância de não serem as melhores as relações entre o Chefe do Estado-Maior do Exército, Ge. Góes Monteiro, e o Comandante da Divisão. Góes hostilizava Mascarenhas, sem rebuços. Velhos ressentimentos vinham à tona em momento inoportuno. (BRAYNER, 1968 p.42).

Outro problema encontrado nas fileiras brasileiras foi a barreira do idioma, visto que grande parte do contingente brasileiro não dominava a língua inglesa esse fato era mais nítido em relação ao oficialato, que tinha que se comunicar com autoridade do Exército Americano, principalmente para fins de adestramento, já que o Exército Brasileiro tinha que se adaptar a uma nova doutrina, como já dito anteriormente. (DURMANGIN, 1949 p.281).

4.4 Exame médico

De acordo com Barone, em sua obra “1942 O Brasil e sua Guerra Quase Desconhecida”, os convocados e os voluntários tinham que ir até os quartéis responsáveis pela seleção de pessoal que mal conseguiam comportar todos os indivíduos. Lá eles eram submetidos a exames de avaliação física e psicológica, que eram realizados de maneira inadequada e displicente. Primeiramente, os reservistas eram analisados rapidamente por um médico, para ver se possuíam algum problema aparente que o impossibilitasse de realizar as atividades previstas. Depois, realizavam um exame de urina, que era realizado de forma desleixada, tendo em vista que por muitas vezes, o indivíduo que não conseguia urinar, pedia um pouco da urina do convocado do lado para colocar em seu recipiente de coleta. E por último, era realizado um teste psicológico, com a intenção de avaliar o equilíbrio mental do candidato, em que o médico mal olhava para o cidadão durante a entrevista. (BARONE, 2013 p.109).

Os convocados eram oriundos das mais diversas regiões do país, tendo destaque de maior efetivo as regiões Sul e Sudeste. Estes deveriam passar pelos critérios impostos pela comissão de seleção, como por exemplo, ter no mínimo 1,60 de altura, pesar pelo menos 60 quilos e ter ao menos 26 dentes. (PIASON, 1949 p.76).

4.5 Uniformes

O Brasil é localizado em uma região em que predomina o clima tropical. Dessa forma, os uniformes das Forças Armadas brasileiras eram confeccionados de acordo com o clima presente no país. Para que o corresse o envio da Força Expedicionária Brasileira de forma adequada ao teatro de operações europeu, onde o clima gélido era encarado como um obstáculo para os combatentes que se quer tiveram contato com neve em suas vidas, o General Mascarenhas de Moraes enviou uma comissão de oficiais para o teatro de operações no pacífico para auxiliar nos meios essenciais para a criação da FEB, inclusive os uniformes. Porém, a missão dessa comissão não foi cumprida de maneira eficiente.

Não houve um planejamento adequado para a constituição dessa Comissão, nem para o desenvolvimento de sua missão. O Chefe do Estado-Maior Divisionário não acompanhou o Comandante da Divisão. Subestimou-se, de um modo geral a missão de alta importância que a FEB deveria cumprir nesse primeiro contato com a realidade da guerra (...) (BRAYNER, 1968 p.21).

Além do uniforme não ser confeccionado de forma adequada a suportar as condições climáticas do inverno europeu, o uniforme dos pracinhas tinha um aparência semelhante ao uniforme de combate alemão. Assim, quando os brasileiros chegaram na Europa, foram recebidos de forma hostil pela população local, de acordo com os seguintes relatos de um oficial da reserva que compôs as fileiras da FEB:

[...] os uniformes da F.E.B. foram confeccionados quer no formato, quer na cor, com extrema semelhança dos uniformes usados pelos alemães, a ponto de ao desembarcarmos em Nápoles, sermos apupados pela população napolitana, por nos terem confundido com prisioneiros alemães.³² Os primeiros civis italianos que encontramos, paravam, olhavam bem, e falavam alguma coisa que não podíamos ouvir direito, mas á medida que andávamos, um ou outro mais afoito gritava ‘Prigioneri tedeschi!!!!’ e uma série de qualquer coisa pouco recomendável. Uns garotos, já mais perto da estação chegaram a jogar algumas pedras sobre nós gritando, ‘Prigioneri tedeschi!!!! Prigioneri tedeschi!!! (DURMANGIN, 1949 p.277-278).

A situação dos uniformes só foi resolvida depois da chegada das tropas brasileiras no local do acampamento, na cratera do extinto vulcão Astronia, em que os EUA providenciaram diversos suprimentos aos brasileiros, dentre eles, uniformes utilizados pelo Exército Americano. (BARONE, 2013, p.144-146).

4.6 Adestramento

O adestramento das tropas brasileiras foi um trabalho complexo a ser realizado. Isso se

deve a uma série de fatores necessários para a formação de combatentes aptos a atuar no campo de batalha, como o reaparelhamento bélico, o treinamento aos moldes da nova doutrina militar, aprender a manusear os novos armamentos e equipamentos, além de se adaptar a nova cadeia de comando. Além disso, foi necessária a tradução de diversos manuais de treinamento para instruir os considerados especialistas, como por exemplo, os motoristas, datilógrafos, rádio-operadores e datilógrafos. (BARONE, 2013 p.111).

Para a formação adequada do soldado brasileiro, era necessário instrutores com experiências reais em combate, pois dessa forma era possível passar o conhecimento direcionado de determinadas situações práticas a serem vivenciadas em combate. No início de 1944, um grupo de oficiais americanos veio ao Brasil para auxiliarem-na condução do adestramento da Força Expedicionária Brasileira, tendo como o chefe da comitiva o general Lehman Miller. (BARONE, 2013 p.111-112).

De modo geral, em 27 de dezembro de 1943, o então General Mascarenhas de Moraes decidiu que o adestramento seria dividido em duas fases:

[...] Subseqüente à fase de reorganização de alguns Corpos de Tropas e à formação de outros, de 10 de janeiro a 1º de junho de 1944, comportaria, em princípio, duas fases. Na 1ª Fase - Depois de terminada a revisão aprofundada da instrução individual, que abordaria: instrução básica individual, instrução dos graduados, instrução peculiar das Armas ou Serviços, formação de especialistas e instrução da tropa. Tinha como objetivo principal, o adestramento e emprego das frações elementares das Armas. Na 2ª Fase - O objetivo principal consistiria no adestramento e emprego das subunidades de cada Arma, fazendo-se também este no âmbito da unidade imediatamente superior. O Esquadrão de Reconhecimento e a Companhia de Transmissões, nesta fase, não deveriam ultrapassar o emprego de suas frações constitutivas. No fim deste período, os Corpos de Tropas já deveriam ter estabelecido uma situação homogênea de instrução para todos os seus elementos. (DE FARIA, 2015 p.245).

Em relação às instruções direcionadas à tropa, foram criadas notas sobre a Doutrina de Emprego do Grupamento Tático (GT), visando a grande preocupação de adequação das Forças Armadas Brasileiras nos conformes da doutrina militar estadunidense. Em consequência disso, foi possível assimilar diversas informações no que tange o Grupamento Tático, segundo De Faria: “Esta preocupação possibilitou a absorção de diversos ensinamentos a respeito do GT, enfatizando-se que o GT compreende frações de todas as armas, seja antes da ação, seja em curso da mesma; exige íntima cooperação de grupamentos mistos de infantaria e carros; pode cumprir missões de destacamento de segurança ou exploração na ofensiva, de contra-ataque, na defensiva, e de escalão de retraimento ou de

retaguarda, na retirada. Também foram incorporados diversos ensinamentos a respeito da Divisão de Infantaria norte-americana (DI), a grande unidade básica de combate do Exército dos EUA”. (apud FARIA, 2015 p.246).

No período próximo a julho de 1944, as instruções destinadas a tropa aumentaram, sendo acrescentados exercícios destinados a práticas de embarque e desembarque em meios de transporte, simulando situações de normalidade e emergência. (MORAES, 1969, p.137).

De acordo com o General Mascarenhas de Moraes: “[...] seus 3 primeiros escalões de embarque, integrantes da 1ª DIE, chegaram à Itália com o treinamento incompleto e inadequado, e os 2 últimos partiram do Brasil, praticamente, sem instrução”. (apud FARIA, 2015, p. 246).

5. PRINCIPAIS CONQUISTAS EM OPERAÇÕES

5.1 O Brasil no teatro de operações do mediterrâneo

A primeira Divisão de Infantaria Expedicionária chegou a solo europeu em 16 de julho no porto de Nápoles. Após a chegada, a tropa deslocou-se para o estacionamento de Agnaro, sendo parte por deslocamento a pé e parte por trem. Este se localizava em um bosque, onde as pessoas de maior nível social utilizavam a área para caçar. (MORAES, 2005 p.44).

Segundo Barone (2013, p.144), a chegada ao local do acampamento foi um tanto confusa, pois a área não foi preparada para receber a tropa, uma vez que não havia tendas coletivas e nem cozinhas de campanha, fazendo com que os militares tivessem que comer a ração norte-americana, conhecida como ração K, e que pernoitassem ao relento.

Inicialmente, o adestramento das tropas brasileiras no teatro de operações da Itália não evoluiu muito, pois havia como principal barreira a falta de material de instrução. Entretanto, práticas desportivas, marchas, treinamento de ordem unida e instruções gerais foram realizadas. Outro obstáculo foi a condição sanitária de parte da tropa, que fez com que parte da tropa contraísse doenças, que em condições normais seriam naturalmente prevenidas. Essas circunstâncias fizeram com que o General Mascarenhas de Moraes pedisse permissão para deslocar a tropa para a região de Tarquia, visto que os combatentes receberiam armamento e todo o equipamento necessário para treinar e posteriormente entrar em ação. (MORAES, 2005 p.47-48).

Em 5 de agosto de 1944, a Força Expedicionária Brasileira foi integrada ao IV Corpo de Exército, comandado pelo general Willis Crittberg, que era subordinado ao comandante do V Exército americano, o general Mark Clark. O V Exército americano era reconhecido por lutar bravamente desde o início no norte da África. (BARONE, 2013 p.148-149).

No dia 11 de agosto de 1944, o comandante do V Exército Americano visitou as tropas brasileiras, autorizando o embarque do 1º Escalão de Embarque para a área de Vada. Essa área tinha como propósito ultimar o adestramento para que os pracinhas pudessem finalmente entrar em combate. Nesse período, aumentou-se o ritmo de treinamento dos militares, culminando em um período final de adestramento, tendo como ultima atividade um exercício teste de 36 horas de duração, ao qual pôde se avaliar toda a movimentação e desdobramento da Infantaria em uma situação de combate simulado, realizado no teatro de operações. Após o fim do exercício, devido ao bom nível de adestramento apresentado, o General Mark Clarck declarou que a FEB estava hábil a combater em solo europeu.

(MORAES, 1969 p.161-162).

Após as tropas do Eixo conquistarem Roma e ocorre uma diminuição no efetivo do V Exército Americano, o General Mark Clark decidiu, então, que os combatentes brasileiros seriam empregados em combate. (MORAES, 2005).

5.2 A batalha de Monte Castelo

Após boa atuação na região de Serchio, o 1º Escalão de Embarque foi movimentado para atuar no vale do Reno, onde havia constantes confrontos. Dessa forma foi possível firmar a 1ªDIE, unindo o 2º e o 3º escalões de embarque às tropas que já estavam atuando no teatro de operações. (SAVIAN, 2015, p. 9).

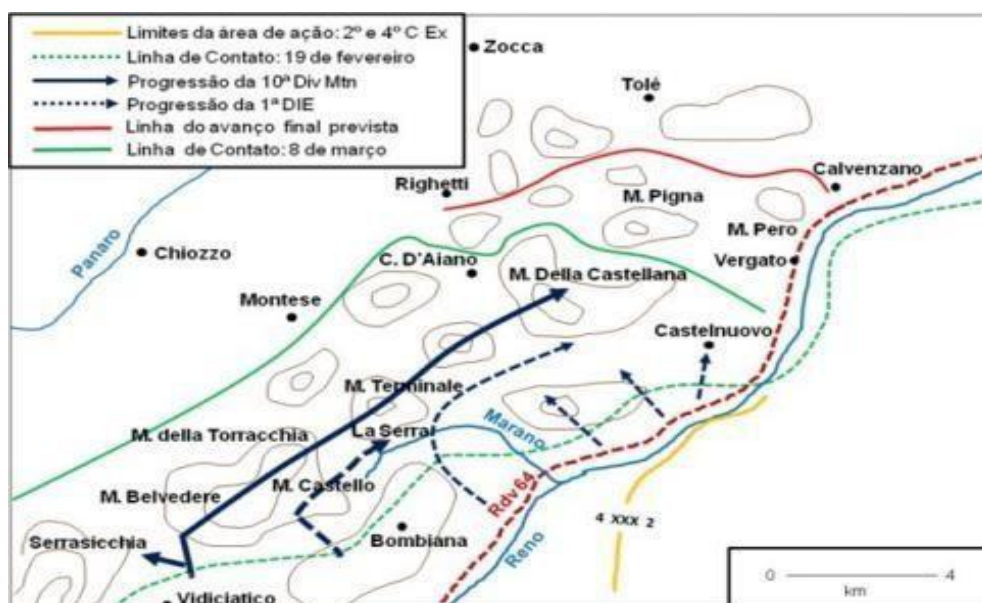
A FEB entrou em linha em 13-15 de setembro de 1944, ocupando posições no Vale do Serchio, substituindo duas unidades norte-americanas, o 370º Regimento de Infantaria e 433º Batalhão de Artilharia Antiaérea. Esta primeira fase de operações da 1ª D.I.E., seu batismo de fogo, foi de aclimatação aos campos de batalha do norte da Itália, com seu terreno acidentado e pontuado por colinas e vales. A conquista de Monte Prano, em 26 de setembro, deu aos brasileiros a experiência de conquista de uma posição fortificada no topo de uma elevação, que lhes serviria na tomada de Monte Castelo. (ALBINO, 2015, p. 137).

Monte Castelo era uma elevação situada na Linha Gótica, área a qual o Eixo estabelecia uma posição defensiva e que servia como ponto de observação devido ao comando que proporcionava, sendo assim, um objetivo fundamental a ser conquistada pelos aliados e ponto de honra para a tropa brasileira, devido a sua grande importância e alto nível de dificuldade. (MORAES, 1969, p.239).

A organização defensiva, nesse monte de encostas traiçoeiramente menos escarpadas, apresentava-se primorosa: com excelente comando sobre as possíveis bases de partida de um ataque, dificultava a montagem de uma ação ofensiva frontal. Dispunha de extensos campos minados; e suas numerosas e bem localizadas casamatas eram admiravelmente camufladas. (MORAES, 1969 p.239).

As tropas brasileiras receberam como principal missão a conquista de Monte Castello, que teria auxílio da 10ª Brigada de Montanha americana, que atacaria o Monte Belvedere e o Monte Della Torracia. Para isso, foi necessário enfrentar as baixas temperaturas do inverno rigoroso, o difícil solo pedregoso presente nessa região, o difícil acesso ao topo da elevação, pois era muito íngreme, e as violentas rajadas da metralhadora alemã MG 42, conhecida entre os pracinhas como “Lurdinha”.

Figura 3 – Estratégia de ataque a Motese



Fonte: BRANCO, 1960. Adaptado por Elonir José Savian (SAVIAN, 2015).

Em 24 de novembro, a FEB realizou a primeira investida para a tomada de Monte Castello, apoiada por algumas unidades da Força-Tarefa 45 do V Exército americano, mas o ataque não foi bem sucedido. As tropas alemãs conseguiram contra-atacar, contendo o ataque brasileiro e expulsando as tropas americanas do Monte Belvedere. Após essa decepção, dois batalhões brasileiros, o 1º e o 3º Regimentos de Infantaria, foram incumbidos de realizar um ataque frontal, o que dificultou muito o avanço das tropas brasileiras, causando várias baixas, principalmente da 3ª Companhia do 1ºBI, resultando em mais um ataque frustrado.

Depois de dois ataques aos quais não se obteve êxito, uma nova estratégia foi traçada, que consistia em utilizar aviões e artilharia americana para ludibriar o inimigo enquanto um pelotão realizaria um ataque pelo flanco direito de Monte Castello, no dia 12 de dezembro. Porém, mais uma vez a ofensiva não deu certo, pois a artilharia iniciou os fogos de preparação antecipadamente, deixando o inimigo alerta, além do mal tempo, causado por intensa chuva e neblina. Um quarto ataque ocorreu e mais uma vez as tropas brasileiras não lograram êxito, sofrendo diversas baixas e obtendo vários combatentes feridos. (BARONE, 2013 p.196-197).

Em 21 de fevereiro de 1945, o 1ºDIE realizou um ataque coordenado com a 10ª divisão de Montanha americana, tropa especializada em combate de montanha. Enfim, batalhões do 1º e 11º Regimentos de Infantaria conseguiram conquistar Monte Castello ao mesmo tempo em que os americanos estavam tomando Belvedere. (VILELA, 2013).

Essa conquista permitiu aos brasileiros mostrarem finalmente ao mundo a eficiência em combate e uma importante peça de manobra para os Aliados. O intenso combate forjou o

soldado brasileiro e fez com que adquirissem experiência, permitindo lutar consecutivamente em diversos outros lugares, como La Serra, Castelnuovo e na ofensiva da primavera (Operação Artesão).

5.3 A conquista de Montese

Tendo em vista o bom desempenho na conquista de Monte Castello, a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária foi designada a conquistar um novo objetivo, que tinha como finalidade capturar observatórios que estavam assolando as posições da 10ª Divisão de Montanha, utilizando o 11ºRI e o 2º/1ºRI. Para que isso ocorresse, foi decidido pelo chefe divisionário que o ataque brasileiro seria realizado no centro do dispositivo, enquanto as tropas que se situariam nos flancos do dispositivo, fariam base de fogos, permitindo que as tropas brasileiras avançassem no campo de batalha. (MORAES, 2005 p.164).

Figura 4 - Conquista de Montese



Fonte: DE FARIA, Durland Puppini (Org.). Introdução à História Militar Brasileira. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015, p.267.

A ofensiva foi realizada no dia 14 de Abril, com o objetivo de conquistar a linha Riva Di Biscia - Montese - cota 888 – Montello. O local onde ocorreria o entrave não era coberto, ou seja, facilitava a observação e maior precisão para o ajuste de fogos do inimigo. (FARIA, 2015, p.266).

Para o êxito da ofensiva que almejava a conquista de Montese, foi necessário tomar

diversas medidas. O grosso da tropa do 11ºRI e o batalhão Syzeno (II/1º RI) iniciariam o ataque no dia 14 de abril, tendo como principal objetivo conquistar a linha Riva Di Biscia - Montese - cota 888 – Montello. Concorrente a esse ataque, os batalhões Ramagem (II/11º RI) e Franklin (III/1º RI) fariam a segurança e defenderiam os pontos aos quais eram responsáveis, principalmente as regiões de Monteforte e Monte Nuvoleti. (MORAES, 2005, p.164).

Duas partes distintas marcaram o ataque brasileiro no dia 14 de abril : a primeira era destinada a capturar a linha Casone - Il Cerro - Possesione - cota 745, através do lançamento de patrulhas fortemente armadas e reforçadas por turma de mineiros, enquanto isso, a 10ª de Montanha iniciou seu ataque, por volta de dez horas e quinze minutos ; já a outra se concentrou em uma ação de ruptura que tinha como propósito a tomada da região de Montese - cota 888 - Montello. (MORAES, 1969, p.282).

O ataque contra Montese, cota 888 e Montelo iniciou-se às 13h30m. Para o melhor cumprimento de missão e potência em relação ao ataque, ocorreu preparação de artilharia e o apoio de blindados e fumígenos americanos. (MORAES, 1969 p.282).

Tendo como limites o 372º Regimento de Infantaria Norte Americano a oeste e o 10º de Montanha a leste de sua posição, a 1ªDIE, tinha seu dispositivo ocupando a frente compreendida pelos montes Della Torraccia e Grande D'aino. O 3º/1º RI ficou a direita, o 11º RI ficou a esquerda e o 2º/1º RI ao centro do dispositivo. A 1ª DIE buscava dominar o maciço Montese - 888 – Montello, destruindo os postos de observação no interior das posições da 10ª Div Mth, tendo que enfrentar dois RI da 114ª DI 266 alemã localizados a frente do dispositivo e outros 334ª DI inimiga. (FARIA, 2015, p.266).

Dois batalhões do 11º RI atuaram em primeiro escalão, o 1º Btl sobre Montese e o 3º Btl sobre Montelo - cota 927. Por volta das 15h os dois batalhões conseguiram cumprir suas missões, o 1º conseguiu penetrarem Montese e o 3º ° Btl conquistou Cerreto. (FARIA, 2015, p.266).

A nordeste de Montese destacava-se o Batalhão Cândido (III/11º RI), que por volta das 18h, conseguiu concluir o ataque sobre as casamatas localizadas na cota 831, ressaltando a importância a essencial importância do apoio dos morteiros e canhões. A infantaria assaltante finalmente conseguiu reprimir a resistência alemã, através de uma estratégia de fogos bem organizados, precisos e muito bem ajustados ao terreno. Após intenso combate, união de esforços e fortes baixas, as tropas aliadas conseguiram atingir e conquistar a linha geral Maserno - cota 806 e 808 - Montese - Serretto - Possesione e a região de Cádi Bortolino, conseguindo o feito de 107 rendições de combatentes inimigos, inclusive 4 oficiais.

(MORAES, 2005, p.168).

Segundo Moraes (2005 p.174), a tomada de Montese foi a batalha que teve como consequência diversas baixas: “Finalizara com extrema simplicidade o episódio mais sangrento, vivido por nossas forças em território italiano”.

A tomada de Montese liderada pelas tropas brasileiras foi fundamental no contexto do teatro de operações europeu, pois os pracinhas puderam provar toda a sua bravura e também puderam mostrar a maturidade e o espírito de cumprimento de missão durante o combate.

A tomada de Montese mostrou que as tropas brasileiras haviam atingido seu ápice operacional e representou o amadurecimento definitivo da FEB, que, depois das agruras sofridas nas escarpas dos Apeninos, iria se deparar com um cenário inédito: o combate urbano. (BARONE, 2013 p.208).

Essa conquista não foi somente essencial para a Força Expedicionária Brasileira, ela também foi de duma importância para a população local. Ainda nos dias atuais os povos locais próximos à região de Montese fazem homenagens aos pracinhas, devido ao respeito que tinham pelos moradores, o carisma, dentre outras qualidades que diferenciaram os militares brasileiros de outras tropas Aliadas.

6. CONCLUSÃO

A pesquisa teve como intuito explorar e entender a situação política do Brasil antes da guerra, a aproximação ideológica em relação aos Estados Unidos, compreender a formação e a mobilização da Força Expedicionária Brasileira, com foco na 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, além de identificar as dificuldades encontradas pelas tropas brasileiras até o triunfo em combate no continente europeu.

Dessa forma, pôde ser verificado que no período que antecedeu a Segunda Grande Guerra, o Brasil estava preocupado com o desenvolvimento nacional, mostrando-se, primeiramente, neutro em relação ao conflito nível mundial. Depois, o Brasil decidiu alinhar-se com a ideologia e doutrina americana, pois esta era a melhor opção para que ocorresse um melhor desenvolvimento na indústria nacional. Em contra partida, as tropas do eixo começaram a atacar os navios mercantes brasileiros, como forma de represália ao alinhamento em relação aos Estados Unidos, fazendo com que o Brasil declarasse guerra ao Eixo.

O material bélico brasileiro era considerado ultrapassado para a época, além de não serem suficientes para combater em um conflito a nível mundial. Vale ressaltar que a doutrina militar exercida pelo Exército Brasileiro era a francesa. Dessa maneira, os EUA tiveram papel fundamental no apoio às tropas brasileiras, fornecendo materiais essenciais para o suprimento e adestramento do efetivo militar que posteriormente seria enviado aos campos de batalha europeus. Para ser mais eficiente, o Brasil teve que passar a exercer a doutrina militar americana, tendo que se adaptar a uma nova organização e aos novos equipamentos e armamentos, para que fosse possível combater como parte do Exército Americano.

A formação da Força Expedicionária Brasileira ocorreu de forma dificultosa, visto que pessoas com nomes em destaque no cenário nacional não eram a favor da criação de uma tropa para combater em outro continente. Além disso, houve muita dificuldade em selecionar um efetivo de soldados suficiente para que o Brasil pudesse atuar em combate, pois muitas vezes, as seleções não eram realizadas de maneira eficiente, possuindo instalações inadequadas e processos que eram realizados de maneira desleixada, como por exemplo, os exames médicos. Assim, o adestramento e a mobilização das tropas brasileiras não ocorreram de forma ideal, até mesmo pelo motivo de não haver tempo suficiente para isso, tendo que finalizar o período de instruções e treinamentos em solo europeu.

Na medida do possível, foram realizadas diversas medidas para que as tropas brasileiras estivessem em condições de combater, como por exemplo, enviar oficiais para obterem conhecimento através de estágios em que eram possíveis compreender melhor a

organização, o emprego e as táticas de guerra do Exército Americano.

Em vista disso, foi possível compreender que a união de esforços do governo, do Exército Brasileiro e da força de vontade dos militares que constituíram a FEB foram elementos cruciais que influenciaram diretamente na superação de todos os obstáculos encontrados até o triunfo em combate. No entanto, vale salientar a fundamental importância da participação dos Estados Unidos, que por muitas vezes, supriram as necessidades encontradas pelas tropas brasileiras.

Esta pesquisa proporcionou identificar as principais dificuldades enfrentadas pela FEB, mostrando as situações adversas que fizeram com que a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária não conseguisse atingir o nível de preparo previsto, tarefa difícil a ser realizada em um curto espaço de tempo. Porém, a adaptabilidade, a rusticidade e a tenacidade das tropas brasileiras levaram o país a ter destaque no cenário mundial, devido aos feitos realizados em combate.

Assim, é possível afirmar que a aproximação com os EUA fez com que o Brasil conseguisse atingir os padrões necessários para mobilizar e adestrar tropas para combater ao lado dos Aliados. Porém, vale ressaltar que isso só foi possível graças à determinação, espírito de corpo e ao patriotismo de todos os militares envolvidos desde o período de formação até o êxito nos campos de batalha, que levaram ao triunfo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Daniel. **A Dialética de doutrinas francesa e norte-americana no Exército Brasileiro: O Caso da Força Expedicionária Brasileira**. Rio de Janeiro, 2015. Monografia (História) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro. 1946. Serviço gráfico do instituto brasileiro de geografia e estatística. Disponível em: http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/pos-graduacao/ppgh/dissertacao_daniel-albino. Acesso em: 18/01/2022.

BARONE, João. **O Brasil e sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Le livros, 2013.

BRAYNER, FLORIANO DA SILVA. **A VERDADE SOBRE A FEB**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1968.

CURSO (HISTÓRIA) - História da Academia Militar das Agulhas Negras.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Livro Feb 75 anos: O Exército brasileiro na segunda guerra mundial. *In: Livro Feb 75 anos: O Exército brasileiro na segunda guerra mundial*. [S. l.], s.d [20-]. Disponível em: <https://pt.calameo.com/exercito-brasileiro/books/001238206caf633a1d52b>. Acesso em: 26 fev. 2022.

FARIA, Durland Puppim de (Org). **Introdução a História Militar**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed, 2005.

Gomes, Arthur Santarem. **AS COBRAS PODEM ATÉ FUMAR, MAS ANTES ELAS TROPEÇAM: AS DIFICULDADES SOFRIDAS NA MOBILIZAÇÃO, TREINAMENTO E ENVIO DA FEB NA PREPARAÇÃO PARA A II GUERRA MUNDIAL 1943-1944**. Guarulhos, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E

CIÊNCIAS HUMANAS.

Lucena, Thiago Romei de. **A INFANTARIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: ORGANIZAÇÃO, ADESTRAMENTO E PRINCIPAIS OPERAÇÕES.**

Resende, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso – ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos Sujos e Fatigados: Soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Grua, 2010.

MORAES, J. B. Mascarenhas. **A FEB PELO SEU COMANDANTE.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **Marechal Mascarenhas de Moraes Memórias.** 1º vol. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; Livraria José Olympio Editora, 1969.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **Marechal Mascarenhas de Moraes Memórias.** 2º vol. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

Roncon, Leonardo. **INFANTARIA NA FEB: MOBILIZAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E ADESTRAMENTO DA INFANTARIA DIVISIONÁRIA.** Resende, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso – ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

ROSTY, Cláudio Skora. **Constituição da Força Expedicionária para a Campanha da Itália. Âncoras e Fuzis,** Rio de Janeiro, 2017.

SAVIAN, Elonir José. **A OPERAÇÃO ENCORE E A CONQUISTA DE MONTE CASTELLO: ANÁLISE DA RELEVÂNCIA DAS AÇÕES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NO ÂMBITO DO XV GRUPO DE EXÉRCITOS ALIADOS.** 2015. Trabalho de Conclusão de TOPERDEADO um Navio Brasileiro. **O Globo.** Rio de Janeiro, 1943.